

**JNT - FACIT BUSINESS AND TECHNOLOGY  
JOURNAL ISSN: 2526-4281 - QUALIS B1**



**LÍNGUA E IDENTIDADE APINAYÉ: DIÁLOGOS SOCIO E  
ETNOLINGUÍSTICOS**

**APINAYÉ LANGUAGE AND IDENTITY: SOCIAL AND  
ETHNOLINGUISTICS DIALOGUES**

**Severina Alves de ALMEIDA**  
Faculdade de Ciências do Tocantins (FACIT)  
Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)  
E-mail: [sissi@faculdefacit.edu.br](mailto:sissi@faculdefacit.edu.br)

**Francisco Edviges ALBUQUERQUE**  
Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)  
E-mail: [fedviges@uol.com.br](mailto:fedviges@uol.com.br)

**Denyse Mota SILVA**  
Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)  
Universidade do Tocantins (UNITINS)  
E-mail: [denyse@faculdefacit.edu.br](mailto:denyse@faculdefacit.edu.br)

**Simara Sousa MUNIZ**  
Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)  
Universidade do Tocantins (UNITINS)  
E-mail: [simaradesousamuniz@gmail.com](mailto:simaradesousamuniz@gmail.com)



## RESUMO

A pesquisa está circunscrita na esfera de Linguística. Considerando seu foco de análise, insere-se na vertente da (Socio)Linguística, pois o enfoque está na relação entre língua e sociedade. O intuito é entender como determinada comunidade estabelece redes e teias de comunicações linguísticas. Expande-se para a Etnolinguística, estudando a relação entre Língua e Cultura. Com efeito, um desafio enfrentado pelos indígenas brasileiros atualmente, é implementar uma educação intercultural, onde as línguas e culturas envolvidas sejam apreciadas no currículo escolar, fortalecendo a identidade étnica e linguística. O referencial teórico abrange Os Apinayé (ALBUQUERQUE, 1999, 2007); Etnografia (ERICKSON, 1988;); Sociolinguística (CALVET, 2009; BORTONIRICARDO, 2014); Etnolinguística (ARAGÃO, 1999); Língua e Identidade (RAJAGOPALAN, 2003), autores que situam língua, Linguística, Sociolinguística e Etnolinguística num mesmo arcabouço epistemológico, expresso na concepção do "social e culturalmente construído", fornecendo uma visão na qual a "função social" e a "Cultura" concedem "forma" aos modos como traços linguísticos imbricam-se na realidade das comunidades de fala. Os resultados revelam o perfil sociolinguístico dos indígenas, numa configuração onde língua e cultura estabelecem um liame que se ratifica no social, perpassando cada uma dessas categorias. Enquanto a Sociolinguística trata da situação de uso da língua no contexto social indígena Apinayé, a Etnolinguística se ocupa dos aspectos recorrentes entre a língua falada, a sociedade onde se situa e a cultura que daí emana, construindo e constituindo diálogos e identidades.

**Palavras-chave:** Língua e Identidade. Apinayé. Etnografia. Sociolinguística. Etnolinguística.

## ABSTRACT

The research is limited to the field of Linguistics. Considering its focus of analysis, it is part of the (Socio)Linguistics aspect, as the focus is on the relationship between language and society. The aim is to understand how a given community establishes networks and webs of linguistic communications. It expands into Ethnolinguistics, studying the relationship between Language and Culture. Indeed, a challenge faced by Brazilian indigenous peoples today is to implement an intercultural education, where the languages

Severina Alves de ALMEIDA; Francisco Edviges ALBUQUERQUE; Denyse Mota SILVA; Simara Sousa MUNIZ. Língua e Identidade Apinayé: Diálogos Socio e Etnolinguísticos. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2021. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: [jnt@faculdefacit.edu.br](mailto:jnt@faculdefacit.edu.br). 2021. Dezembro. Dossiê Temático: Educação Indígena. Ed. 32. V. 1. Págs. 418-443.

and cultures involved are appreciated in the school curriculum, strengthening ethnic and linguistic identity. The theoretical framework includes Os Apinayé (ALBUQUERQUE, 1999, 2007); Ethnography (ERICKSON, 1988;); Sociolinguistics (CALVET, 2009; BORTONI-RICARDO, 2014); Ethnolinguistics (ARAGÃO, 1999); Language and Identity (RAJAGOPALAN, 2003), authors who place language, Linguistics, Sociolinguistics and Ethnolinguistics in the same epistemological framework, expressed in the concept of "socially and culturally constructed", providing a vision in which the "social function" and "Culture" they give "shape" to the ways in which linguistic traits intertwine with the reality of speech communities. The results reveal the sociolinguistic profile of the indigenous people, in a configuration where language and culture establish a link that is ratified in the social, permeating each of these categories. While Sociolinguistics deals with the situation of language use in the Apinayé indigenous social context, Ethnolinguistics deals with recurrent aspects between the spoken language, the society in which it is located and the culture that emanates from it, constructing and constituting dialogues and identities.

**Keywords:** Language and Identity. Apinayé. Ethnography. Sociolinguistics. Ethnolinguistics.

## INTRODUÇÃO

Este artigo efetivou-se mediante uma pesquisa sociolinguística e se constitui como uma etnografia crítica. O intuito é entender como determinada comunidade de fala estabelece redes e teias de comunicações linguísticas, a partir da descrição etnográfica de uma sociedade indígena do Brasil, os Apinayé. Segundo Erickson (1984), os objetivos da descrição etnográfica na pesquisa sociolinguística são documentar e analisar aspectos específicos nas práticas das línguas em situação de contato, de maneira que essas práticas estejam situadas na sociedade em que elas ocorrem. O foco está nas situações sociais de uso, nos hábitos comuns e persistentes das atitudes e na organização linguística e comportamental específicas das práticas sociais.

A pesquisa está circunscrita na esfera da Linguística e considerando seu foco de análise, insere-se na vertente da (Socio)linguística. Por se tratar de um trabalho que estuda a relação entre Língua, Cultura e Sociedade em duas comunidades indígenas, trabalhamos Inter e Transdisciplinarmente Etnografia, Sociolinguística, Etnolinguística e seus desdobramentos, identificando elementos para a construção identitária dos Apinayé.

Buscamos, pois, revelar a identidade linguística das comunidades pesquisadas considerando as línguas em situação de uso, Apinayé e Português, tendo em vista o contato com a sociedade não indígena iniciado ainda no século XVIII.

A Inter e a Transdisciplinaridade perpassam todo o texto numa concepção Etnossociolinguística<sup>1</sup>, quando dados empíricos, em diálogo com as teorias, tecem as argumentações, delimitam construtos e estabelecem conexões. Sendo assim, descrevemos etnograficamente as aldeias indígenas Apinayé São José e Mariazinha as quais são, dentre as 51 aldeias que compõem o território desse povo, as primeiras em que foram implantadas escolas, ainda na época em que a Educação Escolar Indígena no Brasil era responsabilidade da Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Essas aldeias são também as mais populosas e que ofertam três níveis da Educação Básica: Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Isso porque a Educação Infantil é prerrogativa das famílias e as crianças iniciam sua vida escolar a partir do primeiro ano do Ensino Fundamental.

### **CONTEXTO DA PESQUISA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA TRANSDISCIPLINAR**

A pesquisa realizou-se no contexto indígena Apinayé. A concepção de contexto a que nos reportamos, é de um construto social que se manifesta nas configurações intersubjetivas. Segundo Halliday e Hasan (1989), constructo social é qualquer entidade institucionalizada ou artefato cultural num sistema social construído por participantes, numa cultura ou sociedade específicas. Um exemplo de construto social é o *status* social. Nesse sentido, apresentamos o mapa a seguir que destaca o contexto da pesquisa, o território Apinayé, localizado no norte do estado do Tocantins, Brasil, distante 550km da capital Palmas, na mesorregião do Bico do Papagaio, divisa com os estados do Maranhão e Pará.

---

<sup>1</sup> A Etnossociolinguística é uma teoria reveladora em pesquisas etnográficas e sociolinguísticas realizadas em contextos interétnicos. Segundo Almeida (2015, pp 41-42), “[...] o vocábulo vai muito além da simples aglutinação do radial grego “*ethos*” ou “*etno*”, da palavra “Etnografia” e da “Sociolinguística” como à primeira vista seu léxico pode anunciar. Tem a ver, pois, com a sociedade indígena onde a pesquisa se situa, suas peculiaridades étnicas, identitárias, culturais, linguísticas e (Socio)linguísticas; sua estrutura social complexa; seu sistema dual; suas metades cerimoniais; seus ritos, mitos e aspectos cosmológicos”.



Estado do Tocantins destacando a área onde vivem os Apinayé<sup>2</sup>.

Os Apinayé, indígenas remanescentes dos Timbira Orientais, habitam uma área territorial demarcada em 1985 com extensão de 141.904hc e sua população é de 2.272 distribuída por 51 aldeias (ALMEIDA 2015). O grupo é falante da Língua Apinayé, pertencente ao Tronco Linguístico Macro Jê e Família Linguística Jê, conforme Rodrigues (1986). Devido à situação de contato, as comunidades são bilíngues em Apinayé, língua materna, e em Português, segunda língua falada nas comunidades.

A etnografia, procedimento metodológico de nossa pesquisa, tem suas raízes na Antropologia social e uma de suas características é a descrição de povos isolados em contextos culturais específicos, tal qual as comunidades Apinayé. Com efeito, ainda nos últimos anos do século XIX e primeiras décadas do século XX os pesquisadores, antes de iniciarem estudos mais sistemáticos sobre uma determinada sociedade, descreviam outros povos por eles desconhecidos, conforme Ezpeleta e Rockwell (1989). A etnografia é, portanto, uma atividade antropológica, que tem por fim o estudo e a descrição dos povos, sua língua, raça, religião, educação, cultura, enfim, suas formas de ser e de viver. É,

<sup>2</sup> Fonte: <http://www.culturasindigenas.org>. Acesso: 01-jul-2014. 17h19min.

ademais, o modo de descrição da cultura material e imaterial de um povo. Ampliando esse entendimento, Erickson afirma que

[...] Etnografia significa literalmente escrever sobre os outros. O termo deriva do verbo grego para escrita e do substantivo grego (ethnos) que se refere a grupos de pessoas que não foram gregos; por exemplo: társios, persas e egípcios. A palavra foi inventada no fim do século XIX para caracterizar cientificamente os relatos de narrativa sobre os modos de vida dos povos não ocidentais (ERICKSON, 1988, p. 3).

No tocante à etnografia dos Apinayé, seus indícios são do século XX, mais precisamente na década de 1930 quando foi publicada a primeira monografia descrevendo esse povo, escrita por Nimuendajú (1983). Na década 1970, da Matta (1976) também visitou as terras Apinayé para realizar uma pesquisa de doutorado defendido na Universidade de Harvard (EUA), descrevendo a estrutura social dessa sociedade indígena. Nos anos 1990 e primeira década do século em curso, os trabalhos Albuquerque (1999; 2007), Giralдин (2001) e Almeida (2012; 2015), dentre outros, documentaram aspectos importantes do universo cultural, linguístico, cosmológico e educacional dessa etnia indígena.

Outra corrente etnográfica norteadora da pesquisa foi a etnografia crítica. Segundo Thomas (1993), a etnografia crítica não é apenas uma teoria, mas uma perspectiva pela qual um pesquisador pode formular perguntas e estimular a ação. O objetivo é a emancipação cultural e ideológica dos membros de uma comunidade em um contexto peculiar. O autor admite que a etnografia crítica surge na esteira das teorias críticas, a partir da suposição de que as instituições culturais podem produzir uma falsa consciência em que o poder e a opressão são uma realidade, tomadas a partir de ideologias. Assim, uma etnografia crítica vai além de uma descrição da cultura, entrando em ação para a mudança, questionando ideologias.

Nossa pesquisa contemplou também a perspectiva transdisciplinar na realidade indígena Apinayé a partir da Lógica do Terceiro Incluído. Nesse sentido, e considerando a concepção de Transdisciplinaridade proposta por Nicolescu (2008), como sendo aquilo que está entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina, tomando como objeto de estudo a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento, percebemos que a proposta metodológica da pesquisa que realizamos no contexto indígena Apinayé, ao aglutinar a Etnografia em seus

diferentes postulados à Sociolinguística e suas variantes como pilares da investigação, se revestem de um teor transdisciplinar.

Isso porque a pesquisa do tipo transdisciplinar favorece estudos com minorias étnicas, como é o caso do trabalho com os Apinayé, notadamente pelas características autorais da mesma. Além disso, Nicolescu em outro momento informa que diante de vários níveis de Realidade, o espaço entre as disciplinas e além das disciplinas, como o vácuo quântico, está cheio de todas as potencialidades: “[...] da partícula quântica às galáxias, do *quark* aos elementos pesados que condicionem o aparecimento da vida no Universo” (NICOLESCU, 2009, p. 2), o que condiz com a realidade em que a pesquisa com os Apinayé se insere.

## REVISÃO DA LITERATURA: AS TEORIAS EM MOVIMENTO

As bases teóricas e os aportes epistemológicos que sustentam nossas argumentações abrangem Sociolinguística, Etnolinguística, Língua e Identidade, imbricando para a Etnossociolinguística, teoria reveladora da transdisciplinaridade em pesquisas etnográficas e sociolinguísticas em contextos de minorias étnicas, tal quais os Apinayé do norte do Brasil.

### Sociolinguística

A Sociolinguística, área da Linguística que se ocupa em estudar a língua falada em contextos onde interagem pessoas com repertórios linguísticos distintos, divide-se em Sociolinguística interacional e Sociolinguística variacionista. Com o passar dos anos, os estudos foram se expandindo e atualmente a Sociolinguística apresenta outras vertentes, como, por exemplo, a Sociolinguística educacional. Ambas têm em comum o fato de ter a língua falada como objeto de estudo em correlação com a sociedade, isto é, revelam a influência dos aspectos sociais nas diferentes formas de falar. Segundo Sousa (2006), a Sociolinguística interacional concentra-se em perceber a linguagem como causa e efeito da comunicação interpessoal, sem prescindir do contexto no qual essa comunicação se efetiva, percebendo-se, assim, como o falante reage às situações de interações face a face em um determinado ambiente social.

Nesse sentido, e tendo em vista o teor comunicativo da Sociolinguística interacional, ela tem como principal característica ratificar que a fala em interação está propícia a interpretações e mudanças, as quais variam segundo o comportamento

linguístico de uma sociedade ou comunidade linguística, considerando sempre o contexto dos falantes. Segundo Bortoni-Ricardo (2014, p. 147), “[...] a Sociolinguística interacional rejeita a separação entre língua e contexto social e focaliza diretamente as estratégias que governam o uso lexical, gramatical, sociolinguístico e aquele decorrente de outros conhecimentos, na produção e contextualização das mensagens”.

### **Sociolinguística e Educação**

Uma das vertentes da Sociolinguística que adquire status superior no contexto acadêmico é a Sociolinguística educacional, corrente teórica que, segundo Bortoni-Ricardo (2005, p. 113), “[...] surgiu na América Latina ainda na década de 1930, a partir da preocupação com a heterogeneidade linguística na sala de aula, e teve como marco a implantação do Projeto Tarasco, no México, no ano de 1939”. O referido Projeto foi uma iniciativa visando à intervenção na educação bilíngue daquele país, baseada em princípios linguísticos com o grupo étnico Purepecha, falante da Língua Tarasco.

As contribuições da Sociolinguística para o ensino ampliam-se quando se trata da educação em contextos socioculturais complexos, como, por exemplo, nas escolas indígenas Apinayé. Por se tratar de uma prática pedagógica em ambientes bilíngues e até multilíngues, a educação indígena atua num cenário muito próximo do que Bortoni-Ricardo (2005) entende por comunidades étnicas minoritárias, emersas de culturas que se transformam pela relação compulsória com a sociedade nacional. Portanto, a Sociolinguística aplicada à educação, por seu teor interacional e pela forma como atua em ambientes cultural e linguisticamente híbridos, tais quais as comunidades Apinayé e suas escolas indígenas, tem um papel importante a exercer, principalmente em relação ao currículo e seus conteúdos. Não somente porque promove, catalisa e conjuga as tradições com a modernidade, mas também porque atua para a preservação dos povos, suas culturas e suas línguas, deixando para as futuras gerações o legado de sociedades que permanecem vivas porque perpetuaram valores e formas transdisciplinares de ser, estar e viver. Esse é o papel primordial da Sociolinguística posta à educação em contextos de minorias étnicas.

Discutindo a escola como espaço privilegiado onde o ensino da língua pode e deve levar em consideração a heterogeneidade dos alunos que têm um falar diferente do que professa a academia, Bortoni-Ricardo (2005) entende o ambiente escolar como um *locus* onde os educandos vão adquirir, de forma sistemática e crítica, recursos comunicativos que lhes permitam desempenhar-se competentemente em meio às práticas sociais

especializadas. Para essa autora, quando se fala em recursos comunicativos é bom recordar três parâmetros que estão associados à questão da ampliação desses recursos, quais sejam: grau de dependência contextual; nível de complexidade no tema abordado; e familiaridade com a tarefa comunicativa. É, então, trabalho do professor de língua materna estar atento a cada uma dessas situações, promovendo um diálogo que possibilite intervir positivamente na aprendizagem dos alunos, mas sem abrir mão do rigor na seleção dos conteúdos e, sempre que possível, interagir com atividades e fatos do cotidiano e da realidade dos estudantes.

### **Etnolinguística**

O liame entre a Etnolinguística e a Sociolinguística se ratifica na dimensão sociocultural que perpassa cada uma dessas categorias teóricas. Enquanto a Sociolinguística estuda a situação de uso da língua em um determinado espaço social, a Etnolinguística abrange os aspectos recorrentes entre a língua falada, a sociedade onde se situa e a cultura que daí emana.

Segundo Aragão (1999), as relações entre língua, sociedade e cultura são tão íntimas que por vezes torna-se difícil separar uma da outra, ou mesmo estabelecer uma fronteira entre elas. Além dessas relações, a autora identifica outro aspecto que entra em campo para introduzir dúvidas acerca da linguagem utilizada por um determinado grupo sociocultural, que é o fator geográfico. Isso porque determinadas variações de ordem regional podem ser também sociais, estendendo-se aos falantes que têm uma específica marca diageracional, diagenérica ou diafásica. Afinal, seriam todas essas variações próprias da língua e condicionadas pela sociedade ou teriam marcas de determinada cultura? A pergunta é de Aragão (1999), que logo esclarece, argumentando que dúvidas e questionamentos desse tipo surgem com frequência quando se trabalha com o inter-relacionamento entre língua, sociedade e cultura, pois, esses ambientes ecologicamente se cruzam, reproduzindo uma linguística situada num campo de tensão, envolvendo língua e etnicidade, dando origem à Etnolinguística.

### **Língua e Identidade**

A língua, bem comum e determinante identitário de povos e nações, movimenta-se e adquire forma num ambiente sociocultural marcado pela diversidade. Sendo assim,

língua, identidade e sociolinguística se complementam e são consideradas eixo essencial do desenvolvimento humano, tanto cultural quanto socialmente. Segundo Alkmin (2003):

[...] O objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social. Isto é, em situação de uso. Seu ponto de partida é a *comunidade linguística*, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos (ALKMIN, 2003, p. 31). (Destaque da autora).

Uma inferência na fala dessa autora que atende ao propósito de nossa pesquisa está no fato de que uma comunidade se constitui não por pessoas que falam da mesma forma, mas por sujeitos que se relacionam por meio de redes comunicativas e sociais diversas, conforme Bortoni-Ricardo (2014), orientando o comportamento verbal do falante por um conjunto de regras. Para elucidar questionamentos que pairam no domínio das categorias língua e identidade, recorreremos a Rajagopalan (2003), que apresenta conceitos de identidade em linguística os quais, em muitos aspectos, corroboram com a noção de identidade percebida no ambiente intercultural e interétnico Apinayé.

Com efeito, as categorias língua e identidade se interconectam e se materializam no social, sendo impossível a existência de uma língua sem pessoas que a falem. Para Rajagopalan (2001, p. 32) “[...] esse falante é real e sua importância se amplia também e principalmente porque ele é um ser social”. Desse modo, a condição social de um falante é um aspecto fundamental de sua naturalidade, uma vez que para os seres humanos, é natural ser social. A natureza deles é a sociedade. A identidade do indivíduo falante, usuário plenamente socializado da língua, é ainda entendida em termos essencialista.

Esse autor chama atenção para a insatisfação de Bakhtin em relação à linguística sincrônica Saussuriana, pois ela não dá a devida atenção ao indivíduo concreto localizado no tempo e no espaço. Isso porque o estruturalismo não se preocupa com a língua real, falada por pessoas reais, por indivíduos socializados. Afinal “[...] a linguística estuda uma língua viva como se fosse uma língua morta e uma língua nativa como se fosse uma língua estrangeira” (RAJAGOPALAN, 2001, p. 33). Esse é um fator que ocorre nas comunidades indígenas Apinayé de São José e Mariázinha.

A língua nativa Apinayé é língua falada pela população das aldeias, que é bilíngue (Apinayé/Português), mas nem sequer recebe o *status* de língua estrangeira pelos órgãos oficiais. Aliás, é como se essa língua não existisse. A evidência é mais forte no ambiente escolar, pois o sistema de ensino, quando a enxerga, age como se essa língua indígena

fosse um dialeto qualquer, resultando na imposição de um currículo com conteúdo somente em Português, sem sequer fazer menção aos aspectos socioculturais, históricos ou linguísticos dos indígenas, naturalizando um conflito linguístico.

## **RESULTADO E DISCUSSÃO: ASPECTOS LINGUÍSTICOS E IDENTITÁRIOS DOS APINAYÉ**

Após refletir teoricamente acerca de identidade, língua, cultura e seus desdobramentos, nos deteremos sobre identidade linguística e identidade étnica, percebendo, nesta última, características de um caleidoscópio<sup>3</sup>, numa dialética que estabelece conexões sem sobreposição de uma categoria sobre a outra, mas se entrelaçando numa teia de significados idiossincráticos. Tudo isso como possibilidade emergencial de identidade étnica e linguística como categorias conceituais e substratos interdisciplinares. Interdisciplinaridade esta, presente na realidade das comunidades indígenas Apinayé de São José e Mariazinha, que já se encontra num nível mais elevado, imbricando para a Transdisciplinaridade, conforme Almeida (2012). Reiteramos que o contexto sociolinguístico onde realizamos a pesquisa é bilíngue e que os indígenas anseiam pela valorização de sua língua materna entendendo, assim como César e Cavalcanti (2007, p. 53), o (re)conhecimento da língua indígena como afirmação da identidade étnica do grupo Apinayé.

Com efeito, se a identidade étnica dos indígenas brasileiros pauta-se na valorização do uso da língua nativa acreditamos, assim como Maher (2007, p. 115), que “a língua portuguesa não é um marcador da identidade indígena”, muito embora, por ser a língua hegemônica que domina o discurso interétnico, seja possível identificar, nas aldeias dos povos que ainda mantêm o legado de suas línguas de origem, a emergência de um “Português Índio”, perceptível em alguns aspectos particulares e sociopragmáticos de suas falas. Daí a importância que precisa se dar à situação sociolinguística dos falantes, pois pesquisas nesta área podem ser reveladoras, no sentido de contribuir para uma pedagogia e uma educação linguísticas capazes de intervir nos impasses provenientes dos conflitos linguísticos, presentes com mais veemência na escola.

---

<sup>3</sup> Fazemos uso da metáfora criada por César e Cavalcanti (2007, p. 61), que discutem a noção de língua a partir de um *continuum* capaz de interferir positivamente na rigidez das dicotomias: oral/escrito; variedades diatópicas/diastráticas/diacrônicas; norma culta/não culta; língua materna/língua estrangeira. As autoras partem do pressuposto de um caleidoscópio como algo que se constrói por diversos pedaços, cores, formas e combinações, o que nos leva a deslocar essas características para o que entendemos por identidade étnica.

Com efeito, a questão da identidade e de seu reconhecimento quando envolve membros de uma determinada etnia, segundo Cardoso de Oliveira (2006, p. 34), não contradiz uma trajetória que tem sua origem na tradição hegeliana. Entretanto “[...] não se trata apenas de adicionar a noção de identidade à etnia para considerarmos resolvida a equação. A adjetivação da identidade com a forma predicativa etnia, a saber, a palavra “étnica”, nos conduz a uma nova dimensão do problema”. Como se vê, o autor dá à identidade étnica a dimensão de um problema que “precisa de ser resolvido”, chamando atenção para a importância da cultura no contexto das minorias étnicas e das relações de contato estabelecidas com outras sociedades que são hegemônicas, promovendo mudanças nessas culturas e, conseqüentemente, aculturação.

Fenômeno evidente nas situações de contato interétnico, a aculturação é um processo intercambiante entre culturas. Contato este que, segundo Almeida (2015), pode ser prolongado ou permanente, envolvendo duas ou mais culturas que permutam entre si hábitos, costumes, símbolos, conhecimentos e normas de conduta, evidenciado com mais notoriedade em contextos indígenas. Para Coelho (2004), aculturação é resultado de formas plurais de intercâmbio envolvendo diferentes modos culturais que geram processos de adaptação, assimilação, empréstimo, interpretação e resistência (reação contra cultural), ou mesmo rejeição de componentes de um sistema identitário por outro sistema identitário.

### **Preferências e Atitudes Linguísticas: A Identidade Apinayé**

Os Apinayé de São José e Mariazinha somam 669 pessoas, sendo que na primeira tem 369 e na segunda 300 indígenas. Participaram da pesquisa respondendo ao questionário 145 pessoas, 90 em São José e 55 em Mariazinha. As situações pesquisadas que descrevemos e analisamos foram: i) Facilidade Linguística; ii) Domínios Sociais; iii) Atitudes e comportamento linguísticos. O objetivo foi perceber a relação que os indígenas mantêm com as línguas em situação de contato para identificar a identidade étnica e linguística desse povo. Nesse sentido, apresentamos nas tabelas 1 e 2 a população pesquisada que se configura como o universo da pesquisa.

**Tabela 1. População Pesquisada: Aldeia São José**

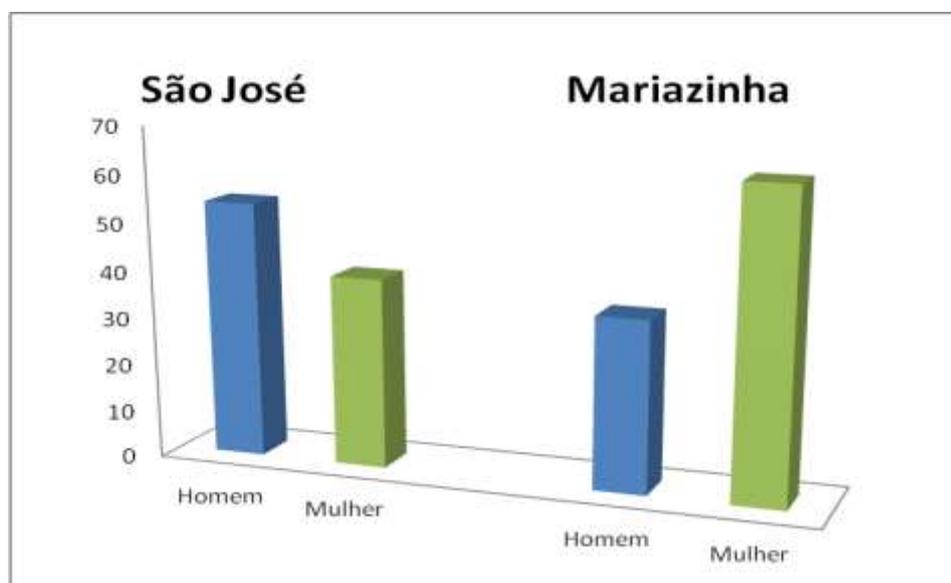
Gênero	FAIXA ETÁRIA				Total	%
	8-12	13-18	19-39	40 e mais		
Masculino	06	18	13	12	49	54
Feminino	05	20	11	05	41	46
<b>Total</b>	<b>11</b>	<b>38</b>	<b>24</b>	<b>17</b>	<b>90</b>	<b>100</b>

**Tabela 2. População Pesquisada: Aldeia Mariazinha**

Gênero	FAIXA ETÁRIA				Total	%
	8-12	13-18	19-39	40 e mais		
Masculino	03	03	11	03	20	36
Feminino	05	14	11	05	35	64
<b>Total</b>	<b>08</b>	<b>17</b>	<b>22</b>	<b>08</b>	<b>55</b>	<b>100</b>

As comunidades de São José e Mariazinha representam aproximadamente 30% da população total dos Apinayé. Das 369 pessoas da aldeia São José, 48% são homens e 52% mulheres. Dentre as 90 pessoas que participaram da pesquisa nessa aldeia, 54% são homens e 46% mulheres. Na aldeia Mariazinha, do total de 300 pessoas que compõem a comunidade, 53% são homens e 47% mulheres. Dentre as 55 pessoas pesquisadas, 36% são homens e 64% mulheres. O gráfico 1 permite visualizar a distribuição dos indígenas por aldeia, considerando os gêneros masculino e feminino.

**Gráfico 1. População pesquisada: Aldeias São José e Mariazinha**



Fonte: Almeida (2016).

Conforme o gráfico 1, na aldeia São José o índice de participantes da pesquisa do gênero masculino que respondeu ao questionário, foi superior em relação às mulheres. Já

na Mariazinha a participação feminina superou a dos homens. Uma explicação que consideramos procedente é o fato de que, no ato da aplicação do questionário, não seguimos nenhum critério em relação à escolha dos entrevistados. Isso porque todos se sentiam muito à vontade e se apresentavam voluntariamente para participar da pesquisa.

Na comunidade de São José os homens foram mais desinibidos, enquanto em Mariazinha eram as mulheres quem mais se apresentavam, fazendo mesmo uma pequena fila.

Com efeito, após expor o universo da pesquisa, apresentamos a descrição e análise dos dados em relação às línguas faladas pelos Apinayé, iniciando com a preferência linguística dos indígenas, buscando desvendar as particularidades das línguas em situação de uso, percebendo qual língua é falada, por quem, por que e para quê.

Tal procedimento visa a desvendar aspectos linguísticos que permitam percebermos o reconhecimento da identidade dos indígenas, notadamente suas identidades linguística e étnica. Ademais, a preferência linguística se configura como algo de muita relevância, pois ao preferir uma ou outra língua, o falante prioriza aquela que mais lhe convém, o que ocorre mediante uma escolha, revelando aspectos da identidade linguística dos falantes a partir dos domínios sociais pesquisados.

Segundo Fishman (1967) um domínio social é de máxima importância, e deve ser considerado ao se estudar situações sociolinguísticas em comunidades minoritárias. Ademais, as relações estabelecidas nesse ambiente precisam levar em conta fatores extralinguísticos, como gênero e idade dos falantes, aspectos que podem interferir no uso de uma ou outra língua na situação de contato estabelecida nas interações.

Nas comunidades pesquisadas, esse contato se efetiva nas relações interculturais mantidas com a sociedade não indígena, causa e efeito de um bilinguismo compulsório (MAHER, 2007), produzido pela necessidade de comunicação, sendo o trabalho um domínio tanto social quanto linguístico. Isso ocorre porque as relações intergrupo são efetivamente relações linguísticas, com eventos bilíngues, um bilinguismo imposto pela condição hegemônica da Língua Portuguesa.

Nesse sentido, a pergunta foi: **Qual língua você usa para se comunicar no trabalho?** Os resultados estão nas tabelas 3e 4.

Tabela 3. Língua usada no Trabalho na aldeia São José

Gênero	FAIXA ETÁRIA				Total	%
	8-12	13-18	19-39	40 e mais		
<b>Masculino</b>						
Apinayé	06	13	06	07	32	65
Português	00	00	00	00	00	00
Ambas	00	05	07	05	17	35
Outras	00	00		00	00	00
<b>Total</b>	<b>06</b>	<b>18</b>	<b>13</b>	<b>12</b>	<b>49</b>	<b>100</b>
Gênero	FAIXA ETÁRIA				Total	%
	8-12	13-18	19-39	40 e mais		
<b>Feminino</b>						
Apinayé	05	12	06	02	25	61
Português	00	00	00	00	00	00
Ambas	00	08	05	03	16	39
Outras	00	00	00	00	00	00
<b>Total</b>	<b>05</b>	<b>20</b>	<b>11</b>	<b>05</b>	<b>41</b>	<b>100</b>

O trabalho como domínio social no contexto indígena Apinayé, foi considerado a partir das atividades próprias da aldeia, como a roça e a escola, uma vez que esta última apresenta-se como um importante local onde se trabalha, desde que os indígenas atuam tanto como professores, quanto como merendeiras e vigilantes. Também foi considerado o trabalho de compra e venda mantido com o centro urbano de Tocantinópolis, com destaque para a venda das amêndoas do coco de babaçu, pois nesta cidade existe uma fábrica de manufatura desse produto. Nesse sentido, a pesquisa revelou que na aldeia São José 65% dos homens e 61% das mulheres usam a língua indígena, enquanto ambas são usadas por 35% dos homens e 39% das mulheres. A situação em Mariazinha está na tabela 4 a seguir.

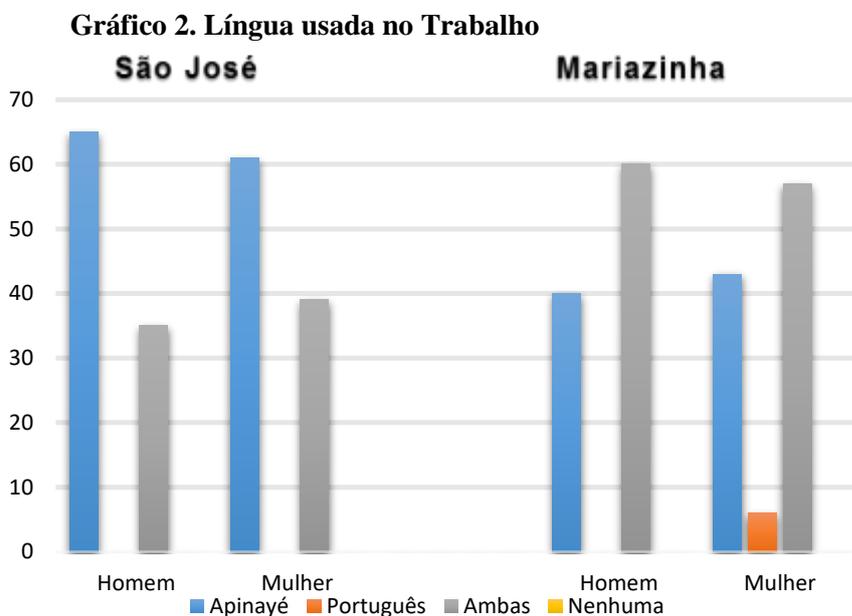
Tabela 4. Língua usada no Trabalho na aldeia Mariazinha

Gênero	FAIXA ETÁRIA				Total	%
	8-12	13-18	19-39	40 e mais		
<b>Masculino</b>						
Apinayé	01	01	05	01	08	40
Português	00	00	00	00	00	00
Ambas	02	02	06	02	12	60
Outras	00	00	00	00	00	00
<b>Total</b>	<b>03</b>	<b>03</b>	<b>11</b>	<b>03</b>	<b>20</b>	<b>100</b>
Gênero	FAIXA ETÁRIA				Total	%
	8-12	13-18	19-39	40 e mais		
<b>Feminino</b>						
Apinayé	02	06	05	02	15	43
Português	00	00	00	00	00	00
Ambas	03	08	06	03	20	57
Outras	00	00	00	00	00	00
<b>Total</b>	<b>05</b>	<b>14</b>	<b>11</b>	<b>05</b>	<b>35</b>	<b>100</b>

Na aldeia Mariazinha, o uso da língua indígena é feito por 40% dos homens e 43% das mulheres, sendo que usam ambas 60% dos homens e 57% das mulheres. Nas situações

de exercício do trabalho, nas aldeias, a escola é um local bilíngue para os professores indígenas, enquanto a roça é um ambiente monolíngue em sua língua materna. Nas relações de venda e compra de produtos os indígenas afirmam usar as duas línguas.

Ressaltamos que na sociedade Apinayé as famílias constituídas por casamentos entre indígenas e não indígenas, assim como as agências de contato, contribuem para uma convivência mais intensa com falantes da Língua Portuguesa. Acrescente-se que, tanto na aldeia São José quanto na Mariazinha, há alguns servidores públicos, como professores, merendeiras, vigias e funcionários dos postos de saúde, que interagem com maior frequência com as pessoas da sociedade não indígena. No caso dos trabalhadores que são servidores públicos, todos estão lotados em suas respectivas aldeias, a serviço de sua comunidade e quando estão trabalhando, exceto na escola, falam em Apinayé. O Gráfico 5 apresenta em detalhes os dados das tabelas 3 e 4.



**Fonte:** Almeida (2016).

Com efeito, na aldeia São José os servidores públicos que prestam serviços são indígenas, com exceção de funcionários da FUNAI e dos professores não indígenas que, no entanto, não moram na aldeia, onde permanecem apenas durante o horário de trabalho. Os outros docentes são indígenas e usam, na escola, ambas as línguas, embora utilizem mais a língua materna.

No quadro de funcionários dessa aldeia, há funcionárias não indígenas, que ocupam o cargo de auxiliar de enfermagem e uma professora que é responsável pela

coordenação da escola. O diretor da escola é um professor indígena. Na aldeia Mariazinha, na escola e no posto de saúde, os servidores são indígenas e também não indígenas sendo que, dentre estes últimos, está o coordenador da escola. Porém, o diretor é indígena, mas há professores não indígenas que só interagem com os alunos e demais pessoas da comunidade na Língua Portuguesa.

Diante de tudo que argumentamos até aqui, apresentamos, a seguir, os eventos culturais que perpassam a fronteira étnica dos Apinayé. Oliveira (2009), descreve um evento cultural como aquele que envolve, como temática principal, algum setor das artes ou os usos e costumes de um povo, que se realizam periodicamente, podendo durar algumas horas, dias ou mesmo semanas.

Ademais, os eventos culturais são vistos por Fishman (1967) como um expressivo domínio social em contextos interculturais indígenas, e destacam-se pela complexidade de suas manifestações, como é o caso das festas tradicionais. Na sociedade Apinayé, um evento cultural cercado de significados é a "Corrida da Tora", que acontece anualmente. Os rituais de nascimento, casamento e morte, também estão presentes no cotidiano das comunidades, e suas realizações ocorrem sempre em um domínio social, por exemplo, casa, pátio da aldeia ou eventos culturais.

Nesse sentido perguntamos: **Qual a língua que você fala nas festas tradicionais da aldeia?** As tabelas 5 e 6 apresentam os resultados.

**Tabela 5. Língua das Festas Tradicionais na aldeia São José**

Gênero	FAIXA ETÁRIA				Total	%
	8-12	13-18	19-39	40 e mais		
<b>Masculino</b>						
Apinayé	04	13	10	07	34	69
Português	00	00	00	00	00	00
Ambas	02	05	03	05	15	31
Outras	00	00	00	00	00	00
<b>Total</b>	<b>06</b>	<b>18</b>	<b>13</b>	<b>12</b>	<b>49</b>	<b>100</b>
Gênero	FAIXA ETÁRIA				Total	%
	8-12	13-18	19-39	40 e mais		
<b>Feminino</b>						
Apinayé	05	15	07	04	31	76
Português	00	00	00	00	00	00
Ambas	00	05	04	01	10	24
Outras	00	00	00	00	00	00
<b>Total</b>	<b>05</b>	<b>20</b>	<b>11</b>	<b>05</b>	<b>41</b>	<b>100</b>

Nas comemorações das festas tradicionais as comunidades São José e Mariazinha usam a língua materna e também a Língua Portuguesa para se comunicarem. Na aldeia São José, 69% dos homens e 76% das mulheres afirmam falar em Apinayé. Ambas as línguas

são faladas por 31% dos homens e 24% das mulheres dessa mesma aldeia. Essa ocorrência, na aldeia Mariazinha, está detalhada na tabela 6, a seguir.

**Tabela 6. Língua das Festas Tradicionais na aldeia Mariazinha**

<b>Gênero</b>	<b>FAIXA ETÁRIA</b>				<b>Total</b>	<b>%</b>
	<b>8-12</b>	<b>13-18</b>	<b>19-39</b>	<b>40 e mais</b>		
<b>Masculino</b>						
Apinayé	01	01	07	01	10	50
Português	01	00	00	00	01	05
Ambas	01	02	04	02	09	45
Outras	00	00	00	00	00	00
<b>Total</b>	<b>03</b>	<b>03</b>	<b>11</b>	<b>03</b>	<b>20</b>	<b>100</b>
<b>Gênero</b>	<b>FAIXA ETÁRIA</b>				<b>Total</b>	<b>%</b>
<b>Feminino</b>	<b>8-12</b>	<b>13-18</b>	<b>19-39</b>	<b>40 e mais</b>		
Apinayé	02	08	08	03	21	60
Português	00	02	00	00	02	06
Ambas	03	04	03	02	12	34
Outras	00	00	00	00	00	00
<b>Total</b>	<b>05</b>	<b>14</b>	<b>11</b>	<b>05</b>	<b>35</b>	<b>100</b>

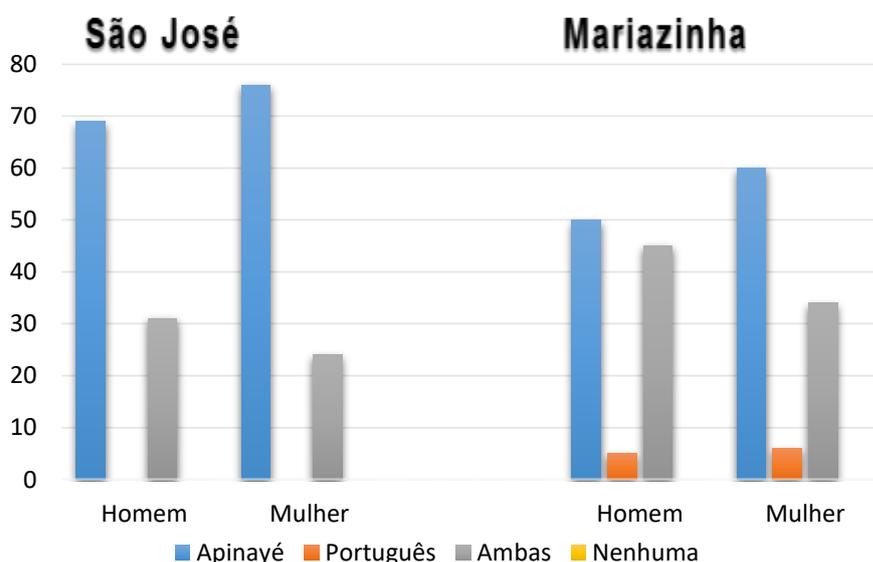
Na aldeia Mariazinha, 60% das mulheres e 50% dos homens preferem se comunicar em sua língua materna, durante os eventos festivos na aldeia. No entanto, o uso da Língua Portuguesa junto com a Língua Apinayé é expressivo, pois 45% dos homens e 34% das mulheres assim procedem, além de 5% dos homens e 6% das mulheres que afirmaram falar em somente em Português. Segundo Almeida (2012), a relação permanente que os indígenas mantêm com a sociedade nacional, falantes da Língua Portuguesa, em diversas atividades de seu cotidiano, os leva a convidarem pessoas das cidades de seu entorno para as festas que realizam nas aldeias.

A descrição e análise da situação sociolinguística dos indígenas Apinayé das aldeias São José e Mariazinha, a partir do uso linguístico nos domínios sociais, permitem afirmar que os indígenas são bilíngues. Maher (2007, pp. 77-78) classifica como bilíngue a pessoa que consegue se comunicar com outra fazendo uso de mais de uma língua. Para essa autora, o falante bilíngue não precisa ser aquele “idealizado”, que tem capacidade igual nos dois idiomas, mas se fazer entender e entender o que o falante de outra língua está dizendo.

Com efeito, a competência comunicativa dos indígenas, pessoas bilíngues em Apinayé e Português, se manifesta em diferentes eventos e ocorrências. Segundo Bortoni-Ricardo (2014, p. 88), “[...] a competência comunicativa é o que habilita o falante a comunicar-se de modo aceitável com qualquer interlocutor de seu grupo social, ou da sociedade mais ampla, investido de qualquer papel social que lhe for atribuído”. Nesse

sentido, apresentamos, na sequência, o comportamento, os usos e as funções das línguas Apinayé e Portuguesa faladas pelos indígenas das comunidades de São José e Mariazinha.

**Gráfico 3. Língua dos Eventos Culturais**



**Fonte:** Almeida (2016).

### **Atitudes Linguísticas: Comportamento Usos e Funções**

Uma língua não é um mero instrumento de comunicação. Segundo Calvet (2009), as relações estabelecidas entre falantes de uma ou mais línguas não é a de um utensílio do qual se lança mão quando se tem necessidade e que se deixa de lado em seguida.

Para esse autor (2009, p. 65), “[...] as relações que temos com nossas línguas e com a dos outros não são bem assim, pois, não tiramos o instrumento-língua de seu estojó quando temos necessidade de nos comunicar, para em seguida devolvê-lo ao seu estojó como pegamos um martelo quando precisamos pregar um prego”. Antes, existe um conjunto de sentimentos e de atitudes de cada pessoa para com a sua língua, para com as línguas em contato, e para com aqueles que delas fazem uso, que torna inconsistente a ideia da língua como mera ferramenta de comunicação.

Nessa perspectiva, perguntamos: Qual língua é mais importante? Os resultados estão nas tabelas 7 e 8 a seguir.

Tabela 7. Língua considerada mais importante na aldeia São José

Gênero	FAIXA ETÁRIA				Total	%
	8-12	13-18	19-39	40 e mais		
<b>Masculino</b>						
Apinayé	04	10	06	05	25	51
Português	00	02	01	01	04	08
Ambas	02	06	06	06	20	41
Outras	00	00	00	00	00	00
<b>Total</b>	<b>06</b>	<b>18</b>	<b>13</b>	<b>12</b>	<b>49</b>	<b>100</b>
Gênero	FAIXA ETÁRIA				Total	%
	8-12	13-18	19-39	40 e mais		
<b>Feminino</b>						
Apinayé	04	10	06	02	22	54
Português	00	00	01	00	01	02
Ambas	01	10	04	03	18	44
Outras	00	00	00	00	00	00
<b>Total</b>	<b>05</b>	<b>20</b>	<b>11</b>	<b>05</b>	<b>41</b>	<b>100</b>

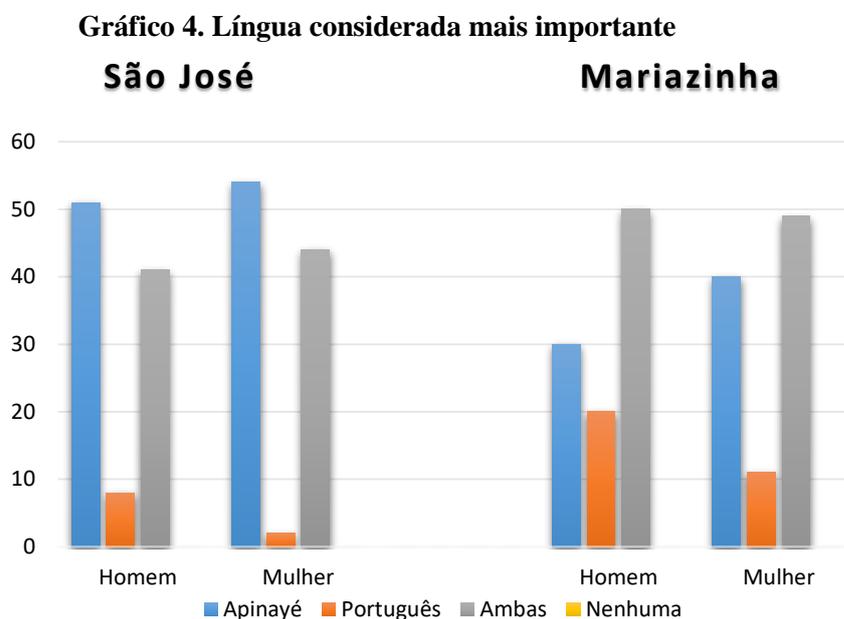
A tabela 7 mostra que a língua considerada mais importante na situação de bilinguismo pelos Apinayé de São José é a materna. Isso porque 51% de homens e 54% das mulheres responderam que a língua indígena é mais importante. Contudo, 44% das mulheres e 42% dos homens afirmaram ser as duas, enquanto 8% dos homens e 2% das mulheres responderam que é a Língua Portuguesa. A situação da aldeia Mariazinha pode ser conferida na tabela 8.

Tabela 8. Língua considerada mais importante na Aldeia Mariazinha

Gênero	FAIXA ETÁRIA				Total	%
	8-12	13-18	19-39	40 e mais		
<b>Masculino</b>						
Apinayé	01	01	03	01	06	30
Português	01	01	02	00	04	20
Ambas	01	01	06	02	10	50
Outras	00	00	00	00	00	00
<b>Total</b>	<b>03</b>	<b>03</b>	<b>11</b>	<b>03</b>	<b>20</b>	<b>100</b>
Gênero	FAIXA ETÁRIA				Total	%
	8-12	13-18	19-39	40 e mais		
<b>Feminino</b>						
Apinayé	01	06	06	01	14	40
Português	01	02	01	00	04	11
Ambas	03	06	04	04	17	49
Outras	00	00	00	00	00	00
<b>Total</b>	<b>05</b>	<b>14</b>	<b>11</b>	<b>05</b>	<b>35</b>	<b>100</b>

Conforme os dados da tabela 8, na aldeia Mariazinha 30% dos homens e 40% das mulheres afirmaram que a Língua Apinayé é a mais importante, a preferência pelas duas é apontada por 50% dos homens e 49% das mulheres, enquanto para 20% dos homens e 11% das mulheres a Língua Portuguesa é mais importante. Segundo Grosjean (2010), o sentimento linguístico positivo dos falantes de uma língua minoritária é muito importante,

pois ao verem sua língua como importante revelam uma atitude psicolinguística que, futuramente pode favorecer alguma tomada de decisão em relação a um planejamento linguístico necessário, principalmente no processo educacional. No gráfico 4 a seguir, é possível conferir, visualmente, os dados das tabelas 7 e 8.



**Fonte:** Almeida (2016).

Com efeito, a língua Apinayé bem como a Língua Portuguesa, são consideradas importantes na situação de bilinguismo dos Apinayé de São José e Mariazinha. Segundo Groesjan (1999), falantes de uma língua que se encontra numa posição de inferioridade em relação à outra língua majoritária, ao demonstrarem preferência pela língua estigmatizada socialmente, pode ser algo decisivo em relação a políticas de preservação e manutenção que possivelmente terão que reivindicar, fortalecendo a identidade étnica. Isso porque a tendência, segundo esse autor é que, em situação de bilinguismo, como é o caso dos Apinayé, num curto espaço de tempo pode ser necessária a implementação de medidas para salvaguardar a língua que se encontra em situação de desvantagem. Daí a importância de um posicionamento positivo em relação à língua de menor prestígio.

Ainda buscando perceber a facilidade linguística dos indígenas, perguntamos: **Qual língua você acha mais fácil de aprender?** As tabelas 9 e 10 e o gráfico 5 são elucidativos.

Tabela 9. Língua mais Fácil de Aprender na Aldeia São José

Gênero	FAIXA ETÁRIA				Total	%
	8-12	13-18	19-39	40 e mais		
<b>Masculino</b>						
Apinayé	04	15	09	10	38	78
Português	00	01	01	01	03	06
Ambas	02	02	03	01	08	16
<b>Total</b>	<b>06</b>	<b>18</b>	<b>13</b>	<b>12</b>	<b>49</b>	<b>100</b>
Gênero	FAIXA ETÁRIA				Total	%
	8-12	13-18	19-39	40 e mais		
<b>Feminino</b>						
Apinayé	04	13	07	03	27	66
Português	00	03	01	00	04	10
Ambas	01	04	03	02	10	24
<b>Total</b>	<b>05</b>	<b>20</b>	<b>11</b>	<b>05</b>	<b>41</b>	<b>100</b>

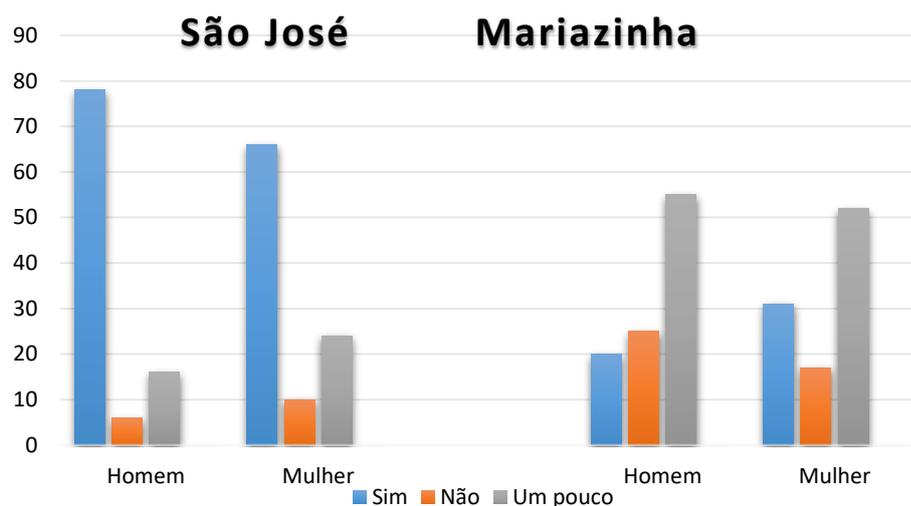
Conforme a tabela 9, na aldeia São José uma ampla maioria dos indígenas que responderam ao questionário afirmou que sua língua materna é mais fácil de aprender, revelação feita por 78% dos homens e 66% das mulheres. Enquanto isso, 16% dos homens e 24% das mulheres consideram ambas, e 6% dos homens e 10% das mulheres entendem que é a Língua Portuguesa. Na aldeia Mariazinha a situação é a seguinte:

Tabela 10. Língua mais Fácil de Aprender na Aldeia Mariazinha

Gênero	FAIXA ETÁRIA				Total	%
	8-12	13-18	19-39	40 e mais		
<b>Masculino</b>						
Apinayé	00	01	02	01	04	20
Português	01	01	03	00	05	25
Ambas	02	01	06	02	11	55
<b>Total</b>	<b>03</b>	<b>03</b>	<b>11</b>	<b>03</b>	<b>20</b>	<b>100</b>
Gênero	FAIXA ETÁRIA				Total	%
	8-12	13-18	19-39	40 e mais		
<b>Feminino</b>						
Apinayé	02	03	03	03	11	31
Português	01	03	02	00	06	17
Ambas	02	08	06	02	18	52
<b>Total</b>	<b>05</b>	<b>14</b>	<b>11</b>	<b>05</b>	<b>35</b>	<b>100</b>

Em relação à língua é mais fácil de aprender na Mariazinha, a tabela 10 acima demonstra que 20% dos homens e 31% das mulheres acham que é a língua indígena. Para 55% dos homens e 52% das mulheres são as duas; já 25% dos homens e 17% das mulheres acham que é a Língua Portuguesa. No gráfico 5 é possível visualizar os dados das tabelas 9 e 10.

Gráfico 5. Língua mais fácil de aprender



Fonte: Almeida (2016).

Conforme evidencia o gráfico 5, na aldeia Mariazinha a facilidade em aprender as duas línguas em situação de uso é mais expressiva do que na aldeia São José. Aspectos como a ocorrência de casamentos mistos entre indígenas e não indígenas, que favorecem a constituição de famílias com um visível “hibridismo cultural”, são de muita relevância, conforme Albuquerque (1999) e Almeida (2012).

Em relação ao fenômeno hibridismo cultural, Canclíni (2001) considera que este é o resultado da interação da cultura indígena com a cultura hegemônica. Há de se considerar, também, o papel determinante da escola, pois este é um domínio social que, por sua organização, currículo e material didático serem os mesmos das escolas não indígenas, isto é, monolíngues em Português, coloca a língua materna em uma hierarquia inferior. Outro fator é o limitado material de apoio pedagógico em Apinayé, que se restringe aos anos iniciais do ensino fundamental, provocando uma supremacia da Língua Portuguesa. Ao responderem a pergunta acerca de qual língua é mais fácil de aprender, alguns indígenas justificaram as respostas, conforme o excerto 1.

### Excerto 1<sup>4</sup>

1. A língua materna é mais fácil de aprender por que a nossa mãe, pai, vó e avô falam na língua indígena desde criança (M.C.D.S.A.);
2. A língua é mais fácil de aprender porque a língua que eu falo (A.S.L.A.);
3. Porque a língua portuguesa é mais complicada (D.W.C.A.);
4. Por ser a língua materna (J.C.A.A.);
5. Apinaje porque é minha língua e é ela que eu falo (J.D.S.A.);
6. A língua Apinayé é mais fácil de aprender por que é mais fácil para nós Apinayé entender melhor nosso língua (E.F.S.A.);
7. Porque é nossa língua por isso é mais fácil de aprender (A.S.L.A.).

**Fonte:** Almeida (2016).

Com efeito, aspectos como identidade e sentimento de orgulho podem ser verificados na fala dos indígenas no excerto acima, acerca do “por que” de eles verem a Língua Apinayé como a mais fácil de aprender. Evidentemente, o fato de ser sua língua materna e também a língua da família, de interação com pais e avós, denota um aspecto intergeracional importante em contextos etnográficos e sociolinguisticamente complexos como as aldeias Apinayé. Segundo Bell (2014), os antepassados são uma forma de arquivo de uma língua e a vitalidade ou morte desta depende, dentre outros fatores, das atitudes e comportamentos assumidos pelas gerações seguintes.

### CONCLUSÃO

Neste artigo descrevemos e analisamos dados gerados em uma pesquisa sociolinguística e etnográfica realizada nas aldeias indígenas Apinayé São José e Mariazinha, cujo foco de análise está circunscrito na área da Sociolinguística, pois o enfoque está na relação entre língua e sociedade. A finalidade foi entender como determinada comunidade estabelece redes e teias de comunicações, em situações de contato linguístico.

O estudo revelou o perfil sociolinguístico das comunidades e evidenciou uma identidade linguística e étnica em que as línguas em situação de uso são catalizadores de aspectos socioculturais importantes em relação à situação de contato linguístico e cultural ao quais os indígenas estão expostos. Afinal, a convivência na fronteira étnica é um desafio constante num momento em que as relações entre as comunidades indígenas e não indígenas enfrentam verdadeiros embates devido, dentre outros fatores, a imposição da cultura e da língua dominantes em relação à aceitação dessas pelas comunidades indígenas e, conseqüentemente, às perdas de aspectos identitários desses povos.

---

<sup>4</sup>Texto escrito pelos próprios indígenas quando responderam ao questionário sociolinguístico.

Nossa pesquisa evidenciou também que esse é um problema enfrentado pelos indígenas Apinayé das aldeias São José e Mariazinha. Afinal, cotidianamente eles são confrontados com uma realidade adversa quando sua língua e cultura não somente são ignoradas pela sociedade não indígena hegemônica, mas também pelo sistema de educação brasileiro. Esta é uma situação que revela subjugação e heteronomia, pois os indígenas além do não reconhecimento de sua condição étnica diferenciada são obrigados a aceitar a imposição de um programa de ensino na Língua Portuguesa, a qual é introduzida em suas escolas na contramão da língua materna, Apinayé.

Nesse sentido, a educação escolar que deveria atuar na formação individual e coletiva dos indígenas, torna-se um obstáculo, interferindo nas subjetividades. Ao se ensinar uma língua estranha aos estudantes, desconsiderando a língua indígena, investe-se na naturalização de comportamentos linguísticos que, *per se*, também naturalizam uma séria crise de identidade.

De igual modo, as comunidades se ressentem na medida em que as línguas faladas nos domínios sociais das aldeias enfrentam a incidência cada dia mais forte da Língua Portuguesa, numa relação assimétrica. Porém, os indígenas têm consciência da importância que tem a manutenção de sua língua materna, o que favorece suas identidades linguística e étnica. Identidades essas que contribuem para que a cultura tradicional também seja preservada. Afinal, cultura e língua são aspectos indissociáveis, e a perda de uma dessas categorias implica necessariamente a extinção da outra.

No caso dos Apinayé, percebemos que eles são zelosos no tocante ao enfrentamento da situação à qual estão expostos. Essa tomada de consciência é de extrema relevância, tanto em relação à preservação do legado linguístico e cultural de seus ancestrais, como da afirmação identitária desse povo.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. *Contato dos Apinayé de Riachinho e Bonito com o Português: Aspectos da Situação Sociolinguística*. Dissertação de Mestrado. UFG - Universidade Federal de Goiás. Goiânia: 1999.

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. *Contribuição da Fonologia ao Processo de Educação Indígena Apinayé*. Tese de Doutorado. UFF – Universidade Federal Fluminense. Niterói: 2007.

Severina Alves de ALMEIDA; Francisco Edviges ALBUQUERQUE; Denyse Mota SILVA; Simara Sousa MUNIZ. Língua e Identidade Apinayé: Diálogos Socio e Etnolinguísticos. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2021. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: [jnt@faculdefacit.edu.br](mailto:jnt@faculdefacit.edu.br). 2021. Dezembro. Dossiê Temático: Educação Indígena. Ed. 32. V. 1. Págs. 418-443.

ALKMIN, Tania Maria. Sociolinguística: parte I. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 3.ed. São Paulo: Cortez Editora, 2003, p.21-47.

ALMEIDA, Severina Aves de. *A Educação Escolar Apinayé de São José e Mariazinha: um estudo sociolinguístico*. Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2012.

ALMEIDA, Severina Alves de. *Etnossociolinguística e Letramentos: Contribuições para um Currículo Bilíngue e Intercultural Indígena Apinayé / Brasília*, 2015. 358 p.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. *Falares Nordestinos: Aspectos Socioculturais*. 1999. Disponível: [periodicos.ufpb.br](http://periodicos.ufpb.br). Acesso: 04-set-2015. 13:29h.

BELL, Allan. *The Guidebook to Sociolinguistics*. Oxford, Wiley Blackwell. 2014. 367p.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemu na escola, e agora?* Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editora, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Manual de Sociolinguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução: Marcos Marciolino. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2009.

CAMACHO, Roberto Gomes. *Da Linguística Formal à Linguística Social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

CANCLINI, Nestor García. *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução: Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. 3ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Caminhos da Identidade: Ensaio sobre etnicidade e Multiculturalismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

CESAR, América L; CAVALCANTI, Marilda C. Do Singular para o Multifacetado: O Conceito de Língua como Caleidoscópio. In: CAVALCANTI, M. e BORTONI-RICARDO, S. M. *Transculturalidade, Linguagem e Educação*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2007.

COELHO, Teixeira. *Dicionário crítico de política cultural*. 3. ed. São Paulo: FAPESP/ Iluminuras, 2004.

DA MATTA, Roberto. *Um mundo dividido: a estrutura social dos índios Apinayé*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1976.

ERICKSON, Frederick. *What makes school ethnography ethnographic?* Anthropology & Education Quarterly, volume 15, 1984.

Severina Alves de ALMEIDA; Francisco Edviges ALBUQUERQUE; Denyse Mota SILVA; Simara Sousa MUNIZ. Língua e Identidade Apinayé: Diálogos Socio e Etnolinguísticos. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2021. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: [jnt@faculdefacit.edu.br](mailto:jnt@faculdefacit.edu.br). 2021. Dezembro. Dossiê Temático: Educação Indígena. Ed. 32. V. 1. Págs. 418-443.

ERICKSON, Frederick. *Etnografia e Educação*. Texto traduzido com autorização do autor, por Carmen Lúcia Guimarães de Mattos. Herausgegeben Von Ulrich Ammon, Norbert Dittmar Klaus J. Mattheir, Vol. 2 Walter de Gruyter, Berlin. New York, p. 1081-1095. 1988.

EZPELETA, Justa; ROCKWELL, Elsie. *Pesquisa Participante*. 2ª ed. Tradução: Francisco Salatiel de Alencar Barbosa. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1989.

FISHMAN, Joshua Aaron. The Relationship Between Micro-and Macro-Sociolinguistics in the study of Who Speaks What Language to Whom and When. *Journal of Social Issues*, v. 23, n. 3, 1967.

GIRALDIN, Odair. Um Mundo Unificado: Cosmologia, Vida e Morte entre os Apinayé. *Revista Educação & Sociedade*. UNICAMP, 2001.

GROSJEAN, François. Bilingual: Life and reality. Harvard: University Press, 2010. Disponível: [www.francoisgrosjean.ch](http://www.francoisgrosjean.ch). Acesso: 04-ago-2011. 13:40h.

HALLIDAY, Mak; HASAN, Ruqaya. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

MAHER, Terezinha Machado. Do casulo ao movimento: A suspensão das certezas na educação Bilíngue e Intercultural. In: CAVALCANTI, M. e BERTONI-RICARDI, S. M. *Transculturalidade, Linguagem e Educação*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2007.

NICOLESCU, Basarab. *O Manifesto da Transdisciplinaridade*. São Paulo: Triom, 2008.

NICOLESCU, Basarab. *Educação e Transdisciplinaridade*. Brasília: UNESCO, 2009.

NIMUENDAJÚ, Curt. *Os Apinayé*. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém: 1983.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O Conceito de Identidade em Linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, Inês. (Org). *Lingua(gem) e Identidade*. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. A construção de identidades: linguística e a política de representação. In: RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma Linguística Crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola, 2003, p.71-80.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.

SOUSA, Rosineide Magalhães de. *Gênero Discursivo Mediacional: Uma Pesquisa Na Perspectiva Etnográfica*. Universidade de Brasília, 2006, 257p. Tese (Doutorado em Linguística). Disponível: [www.unb.br](http://www.unb.br). Acesso: 05-set-2015. 12:10h.

THOMAS, Jim. *Doing critical ethnography*. Sage Production Editor: Tara S. Mead. 1993.

Severina Alves de ALMEIDA; Francisco Edviges ALBUQUERQUE; Denyse Mota SILVA; Simara Sousa MUNIZ. Língua e Identidade Apinayé: Diálogos Socio e Etnolinguísticos. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2021. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: [jnt@faculdefacit.edu.br](mailto:jnt@faculdefacit.edu.br). 2021. Dezembro. Dossiê Temático: Educação Indígena. Ed. 32. V. 1. Págs. 418-443.